





Florianópolis—SC / Porto Alegre—RS / Londrina—PR

2022

Sumário

Prólogo

Marta Martins & Gerusa Morgana Bloss (09)

O ponto que voa: um ensaio sobre procedimentos

Fercho Marquéz-Elul (15)

A ficção se leva no bucho: e é de lá que se tira

Fercho Marquéz-Elul (19)

Venha

7 de setembro

Dariane Martiol (42)

Vacuna/vacina

Francela Carrera (44)

Para todos os garotos que não me amei

Maurício Bittencourt (48)

Octaedro

Criaturas imaginárias

Angelica Neumaier (54)

Vazio eloquente

Edson Vieira (58)

O mergulho

Isadora Cunha (62)

Restaurante oriental

Marta Martins (66)

G.R.E.S.V. Formas de Narrar

Tiago Herculano da Silva (70)

Ninguém tem porque saber de nossa vida [...]

A moça do banco de praia

Joviana Jensen (76)

Escritas de atenção ao ordinário

Rafaela Martins (80)

As tais fotografias

Gerusa Morgana Bloss (84)

O quarto

L. Hansen (88)

Mil e uma noites

Cola

Andrey Parmigiani (94)

Havana connections

Katiana Rocha Machado (98)

Os contos das coisas

Priscila Hayashi (102)

Era muito normal e atenta estava com a cabeça onde deveria estar

Gabriel Villas (106)

O vinho [caiu] como uma luva

Tornando-te lembrança

Mauricio Igor (112)

O revés de um parto

Juliana Silva (116)

Outros tempos

Mariana Medeiros (120)

Nem tudo é matéria] [bruta nem tudo

Odete Calderan (124)

Procedimento

Um café e um conto

Janaina Ramos Marcos (130)

***Membra disjecta:* um extrato em quatro histórias**

Fercho Marquéz-Elul (134)

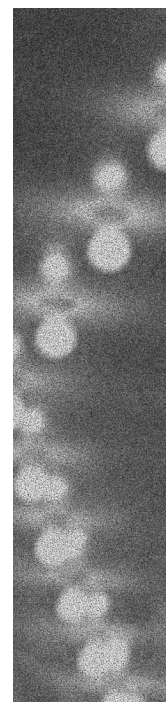
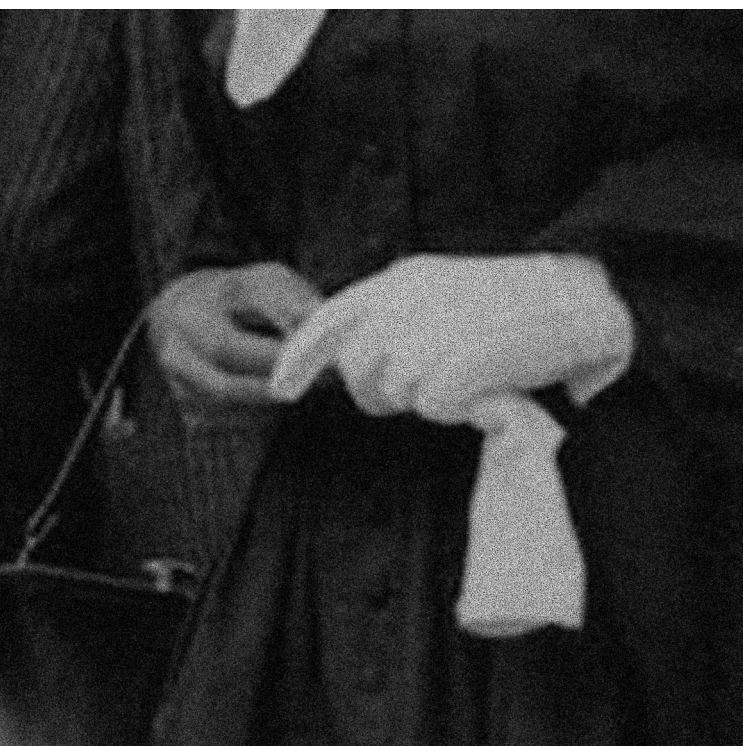
Linha 0200

Mariana Corale (138)

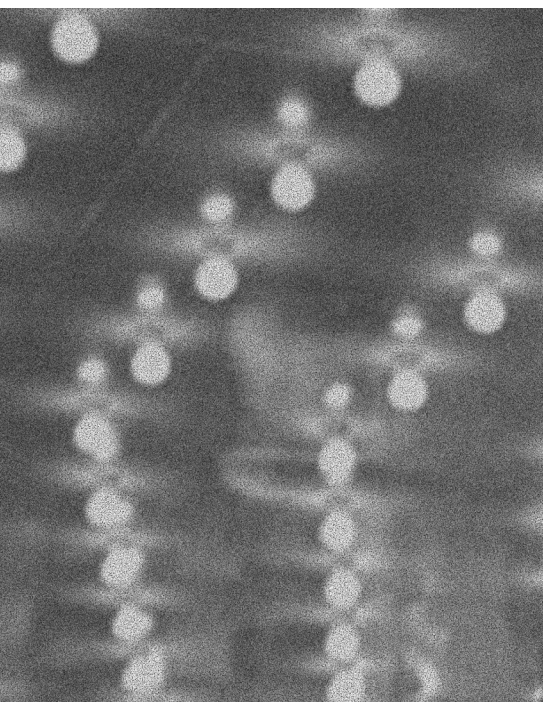
Verão de 1950

Suzimara Regina Batista Rizzo (142)

Ifemelu mal podia se aguentar de esperar. Apertava o passo mesmo sabendo que estava adiantada. Aliás, Ifemelu não estava nem atrasada ou adiantada, já que seu compromisso era uma daquelas coisas que não existem. Como uma coisa blefada dentro de uma caixa vazia de presente durante a brincadeira das crianças em Chanukah. Ia a passos rápidos para a frente do teatro encontrar... bem, até hoje não se sabe quem, já que seu olhar atento para o meio-fio não anunciava nenhuma chegada de alguém cujo olhar pudesse cruzar-se com o seu. Todas as quintas-feiras, sempre no mesmo horário, corria para frente do teatro como se corresse em uma plataforma para não perder o embarque do trem. Ficava tão maravilhada com o iminente encontro que, ou se esquecia de vestir a luva branca na mão direita, ou de tão exasperada, retirava-a em um piscar dos olhos. Ela se misturava entre a multidão de pessoas que esperava suas companhias, o que atenuava — um pouco — seu ato reiterado que sempre a fazia se destacar. Mas a bilheteira e o pipoqueiro sabiam muito bem que ela era a moça que esperava. Esperava por esperar, apressava-se para esperar, fitava o meio-fio por uma espera que tardava em chegar.



Não adiantaria ir mais uma vez ao lavatório do teatro para retocar o batom roxo enchumbado. Já o havia feito nos últimos 3 minutos, duas vezes. Seus lábios já adquiriram uma película grossa que enchumbava sua risada num sorriso murcho escondendo seu nervosismo. Seus músculos da face marcavam os dois lados comprimindo suas maçãs num corte obtuso. Uma imensa vontade de coçar a raiz do cabelo subia vagarosamente do fundo da pele. Senhorita Her do 512 já havia reparado nas falhas sob a orelha dos cabelos arrancados na raiva. Com seu narigão farejador de fofocas despejou no corredor a dica do sabonete de enxofre: era tiro e queda. "Ora, mas no seu caso, não adiantaria usar o de enxofre. Talvez o de chumbo seria mais vantajoso. É uma nova tecnologia..." Ifemelu já estava dobrando o corredor rumo às escadas quando tudo o que Senhorita Her dizia virara um abafado blá-blá-blá. Pensava consigo: "se eu fosse uma bruxa, já teria a transformado em pó de cemitério".



Os pensamentos profundos de Ifemelu a dragaram de volta para a superfície. Nesse retorno, olhando para a calçada com os passantes e os esperançosos. Ela era uma deles — a dos que esperavam. Esperava, esperava, mas não adiantava. Alguém não vinha, mas ela parecia não perceber isso... Não pôde aguentar mais um minuto. Repôs a luva, e rapidamente seus pés comandaram seu corpo irrequieto para o lavatório. Só tinha um desejo, como algo a ser provado pela primeira vez e que lhe aguava tanto a boca. Sentia transbordar esse desejo adiantado e outra vez sacou seu batom roxo enchumbado e fixou sobre lábios endurecidos uma película mais grossa que enchumbava já em um sorriso ressequido a falta de um beijo de boas-vindas.

Ifemelu se apressava rua adentro, precisava pegar exatamente o U307, já que ele lhe deixava exatamente 1 minuto antes do exato horário de entrada no trabalho. Ifemelu morava exatamente há 4 ruas à direita de onde ficava o Instituto de Conservação e Restauro. Preferia sempre pegar essa linha de ônibus, que tomava 4 minutos, pois gostava de — para além de não ficar muito tempo a céu aberto — deslizar pela rápida rota em formato de L, sentir o ônibus tremer todo seu corpo, a liberdade de se deslocar sobre um trecho exatamente plano. Imaginava sempre, dentro do ônibus, que aquele tremor deveria ser parecido a o de um suave tremor de terra: mesmo em um lugar planíssimo, sentir que seu corpo é um instrumento percussivo do chão.

Não tinha lido os jornais do dia. Nunca os lia nem via TV para saber da manifestação dos carroceiros no centro da cidade e conseqüentemente nos momentos de profunda tensão, uma parte da cuba da fonte se rompeu e afundou em cacos dentro do chafariz. Esse era o trabalho de Ifemelu: recepcionar, identificar, ordenar, documentar e reunir os restos dos objetos na sessão de membros fragmentados. Curiosamente, tais restos fragmentados de um todo era para Ifemelu a coisa mais plena que existia.

Debruçava-se por horas a fio sobre esses restos imortais colhendo suas informações mais silenciosas. Podia refazer em sua cabeça os processos físicos de ruptura que tal peça sofrera. Promovia medidas, submetia a exames de raio-X, retirava impressões por frotagem, decalcava suas formas, gravava sua existência, circunscrevia seus limites, moldava a peça para guardar no acervo uma réplica. Era tudo o que poderia dar pelo seu trabalho. Seu chefe superior, mas bastante ausente raramente dizia outra coisa.





Para Ifemelu, havia de algo de imperioso em todos os pôres do sol de sua vida. Quando criança se desesperava com o final do dia, não porque temia a noite ou a escuridão, mas sim porque simplesmente não aceitar como aquela massa enorme de fogo docilmente pudesse desabar no horizonte. Era angustiante para Ifemelu conceber uma bola de fogo que flutua no firmamento simplesmente se rachar no horizonte, através de uma fina linha e ainda ser peneirada nele e ressurgir no outro dia, em um nascimento violento, insidioso e inevitável: como uma gema que espirra quando seu ovo é comprimido. Aos poucos Ifemelu se acostumou com essa queda constante do sol e com o presente que em troca, o pôr do sol lhe devolvia: quanto mais próximo da linha de corte, mais diretamente podia sustentar o olhar ao sol. Aos 15 anos, recebera uma bronca de sua mãe por ter danificado alguns fragmentos regulamentares dos olhos.

Organização:

Edson Vieira, Fercho Marquéz-Elul, Gerusa Morgana Bloss,
Juliana Silva, Mariana Corale, Mariana Medeiros,
Marta Martins, Priscila Hayashi

Coordenação Editorial:

Edson Vieira, Fercho Marquéz-Elul,
Juliana Silva, Mariana Medeiros

Produção gráfica:

Mariana Medeiros

Fotografia de Capa e capítulos:

Mariana Corale

Revisão e tratamento dos textos:

Gerusa Morgana Bloss e Mariana Corale

Revisão e tratamento das imagens:

Mariana Medeiros

Nós, organizadores do VENHA, agradecemos especialmente a
Ailton Pereira Junior, artista, professor e idealizador
do selo de publicações Ouriço Edições, por ajudar-nos em
mais um parto, mesmo tão atarefado com as *Novas*
Felicidades VINDAS

ISBN: 978-65-00-42480-5

Como citar: CORALE, Mariana, MARTINS, Marta, MARQUÉZ-ELUL,
Fercho et al. (org.). VENHA. Florianópolis,
Londrina e Porto Alegre: edição dos autores, 2022.



ARTICULAÇÕES POÉTICAS
Grupo de pesquisa em Artes Visuais CNPq - UDESC



programa
pós-graduação
artes visuais
ceart/udesc

VENHA

Esta publicação é fruto das criações pandêmicas produzidas a partir da disciplina *Formas de narrar: Entre imagem e escritura*, realizada de modo síncrono e ministrada pela Professora Dra. Marta Lúcia Pereira Martins, integrante do grupo de pesquisa Articulações Poéticas (PPGAV/UDESC) no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis - SC, entre a primavera de 2021 e o verão de 2022.

